

A VOZ DOS SUBALTERNOS EM *MORANGOS MOFADOS* DE CAIO

FERNANDO ABREU

THE SUBALTERN SPEECH IN *MORANGOS MOFADOS* BY CAIO

FERNANDO ABREU

José Pereira dos Santos Filho

Universidade Federal do Tocantins¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar de que forma a obra *Morangos Mofados*, publicada em 1982, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, retrata a voz das pessoas ditas subalternas em meio a um ambiente dominado pela Ditadura Militar no Brasil. Partindo desse pressuposto, consideramos as atitudes, o silenciamento e realização dos desejos dos personagens, mais especificamente nos contos *Diálogo*, *Os sobreviventes*, *O dia em que urano entrou em Escorpião* e *Terça-feira Gorda* que ajudam a consolidar essa relação entre o desejo de falar e fazer o que se tem vontade e o ocultamento dessa voz. A análise desses contos representativos do contexto histórico da Ditadura Militar, a falta de diálogo devido ao medo vivido, a monotonia de vida e vontade de se livrar de tal situação, o ato de vomitar como forma de expor o pensamento vem relacionar com o que a autora Gayatri Chakravorty Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?*, pois segundo ela o discursos ditatórios de poder ocultam a voz de qualquer pessoa que não está com o poder em mãos. *Morangos Mofados* apresenta de forma relevante, significativa e irônica uma multiplicidade de significados que transmitem todo o amargo, melancolia, medo, dúvida e esperança de uma geração.

Palavras-chaves: subalterno, voz, ditadura militar.

Abstract: The objective of this article is to analyze how the work *Morangos Mofados*, published in 1982, by the gaúcho writer Caio Fernando Abreu, portrays the voice of the so-called subaltern people in an environment dominated by the Military Dictatorship in Brazil. Based on this assumption, we consider the attitudes, the silencing and fulfillment of the desires of the characters, more specifically in the stories *Dialogue*, *The survivors*, *The day that Uranus entered Scorpio* and *Fat Tuesday* To consolidate this relationship between the desire to speak and do what one has the will and the concealment of that voice. The analysis of these stories, representative of the historical context of the Military Dictatorship, the lack of dialogue due to the fear experienced, the monotony of life and the will to get rid of this situation, the act of vomiting as a way of exposing thought comes to relate to what the Author Gayatri Chakravorty Spivak in his work *Can the subaltern speak ?*, for second, the dictatorial speech of power conceals the voice of anyone who does not have the power at hand. *Morangos Mofados* presents in a relevant, meaningful and ironic way a multitude of meanings that convey all the bitter, melancholy, fear, doubt and hope of a generation.

Key-words: subaltern, voice, military dictatorship.

Submetido em 22 de setembro de 2019.

Aprovado em 15 de novembro de 2019.

¹ Mestre em Letras pela UFT, Campus de Porto Nacional. Email: josefilhooi@hotmail.com

E a cada dia ampliava-se na boca aquele gosto de morangos mofando, verde doentio guardado no fundo escuro de alguma gaveta.

-CAIO FERNANDO ABREU-

[...] as redes de poder/desejo/interesse são tão heterogêneas que sua redução a uma narrativa coerente e contraproducente – faz-se necessário, portanto, uma crítica persistente; e, segundo, que os intelectuais devem tentar revelar e conhecer o discurso do Outro da sociedade.

.-GAYATRI CHAKRAVORTY SPIVAK-

As personagens de Caio F. estão sempre à margem da sociedade, quando não, chegam lá gradativamente, como a de Noites de Santa Teresa.

-LUCIENE CANDIA-

Introdução

Em meio a um ambiente repressivo no Brasil nos anos 70 e meados dos anos 80 é possível observar a ausência de fenômenos artísticos estáveis, o militarismo da época bloqueava todas as formas de liberdade individual, onde ser diferente era algo inaceitável, portanto, deveria ser descartado. Durante esse período o Brasil era governado sobre o regime de uma Ditadura Militar, foi nos anos 70 que ela atingiu o ápice, esse regime censurava todos os meios de comunicação e aqueles que tinham opiniões divergentes. A economia ainda estava com o milagre econômico, o termo “milagre” está relacionado com o rápido crescimento econômico que o Brasil passou no período da Ditadura, porém esse milagre começa a acabar pela crise do petróleo.

As pessoas da época ouviam *rock*, houve uma dissipação dos meios de comunicação de massa, como o jornalismo, a televisão, revistas, e outros veículos da indústria cultural no país, principalmente a música que sofreu mais com a censura, pois ainda é um meio de entrar no inconsciente das pessoas e as fazerem refletirem sobre diversas situações. Essa dissipação ocorreu como resposta à proibição por parte dos governantes de divulgação de como estava o país. Os protestos de contra cultura eram

cada vez mais evidentes, ouvia-se os Beatles, os *punks* com sua agressividade visual, os *hippes* também influenciaram as vestimentas, o lema da época era: sexo, drogas e *rock'n'roll*. Os protestos dos estudantes foram fatos marcantes, e o preconceito com as pessoas portadoras do vírus da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), tão severo que até mesmo pessoas bem instruídas tinham nojo das outras pessoas. Além de a doença ser considerada mortal, pois pouco se sabia sobre o assunto, formas de transmissão e tratamento. O preconceito era tamanho que a morte social do soropositivo precedia a morte física. A discriminação causa vários tipos de mortes que abalam as pessoas até hoje.

Podemos considerar as obras de Caio Fernando Abreu como semi-autobiográficas, pois diversas situações retratadas em seus escritos foram vividos por ele. O autor gaúcho publicou onze livros, conquistou prêmios nacionais por duas vezes, o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Nasceu na pequena cidade Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul no dia 12 de setembro do ano de 1948 e veio a falecer vítima do vírus da AIDS em Porto Alegre, Rio Grande do Sul no dia 25 de fevereiro do ano de 1996. Em sua vida acadêmica estudou Letras e Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), não concluindo nenhuma pois se dedicou em 1968 ao escritos em jornais e revista de grande circulação no país na época como extinta, *Manchete*, a *Veja*, jornais como *O Correio do Povo*, *A Zero Hora*, *A Folha de São Paulo* e o *Estado de São Paulo*. Por causa de suas ideias contraditórias no ano seguinte ele é perseguido pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) que era um órgão do governo ditatorial da época. Com isso ele se refugia no sítio da escritora e amiga Hilda Hilst, em Campinas no Estado de São Paulo. Depois disso decide viver e espalhar suas ideias de contracultura pelo Brasil e exterior.

Caio, desde os tempos em Santiago do Boqueirão, evidenciava as características que viriam a compor a personalidade do escritor: o enfrentamento, a busca de uma identidade, a vivência de experiências à procura de um significado maior na vida. Dono de uma personalidade autêntica e de um temperamento irônico, Caio, por vezes assumia uma postura extremamente introspectiva, passando dias incomunicável, trancado no seu quarto. (ABREU, 2012, p.5).

Não tinha receios de fazer o que tinha vontade, viajou pela Europa e outros países, viaja com uma mochila nas costas, trabalha como garçom em Estocolmo e ainda

pensa em trabalhar como *hippie* no Rio de Janeiro. Nos anos 90 viaja a Londres e lança *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. Em 1994 escreve em sua coluna semanal do jornal *O Estado de São Paulo*, várias cartas que são chamadas de *Cartas para Além do Muro*, onde declara publicamente ser portador do vírus HIV. Esse contexto de contracultura dos anos de 1960 e 1970 citado anteriormente é mais bem esclarecido com a visão dos movimentos que o compõem, são eles: a ideologia “paz e amor”, a rebeldia estudantil, o movimento negro, a revolução sexual, o início do feminismo e o movimento gay, em meio ao panorama das ditaduras latino-americanas. As obras de Caio Fernando Abreu tiveram como influencias esse momento histórico do Brasil e do mundo, que retratam personagens sombrios, angustiados, com obsessão pela morte e pela busca desesperançada de amor e sexo.

Em 1982 a publicação da obra *Morangos Mofados* do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu foi um veículo da geração, tão preciso e relevante com as palavras, segundo os críticos da época, editoras, jornais e revistas, ele conviveu no contexto da Ditadura Militar no Brasil, com o fato de ser soropositivo, do preconceito e esses fatos de ter vivido na época repressiva da ditadura, ser soropositivo fez surgir várias obras cuja temática transportava os sofrimentos e desejos coletivos para o texto literário. Outras literaturas trabalhavam questões políticas e ditadura, mas foi com *Morangos Mofados* que o escritor retratou o aspecto comportamental das relações pessoais envolvidas nesse mundo de redemocratização no Brasil. Os personagens retratados buscam expressar as diversas manifestações comportamentais que ocorriam na época e nos dias de hoje ao tratar temas psicológicos e sociais envolvendo sentimentos como dor, medo, morte, melancolia e esperanças sempre ocultadas. Nesse sentido podemos dizer que a literatura retratava o social, pois “[...] no início do século XIX “começou-se [...] a contestar as teorias até então reinantes” e a associar as obra primas, suas belezas, bem como seus defeitos, “às circunstâncias da época, ao contexto social””. (COMPAGNON, 2011, p.13). Vemos aqui a relação existente entre a produção literária, contexto de produção, qualidades e defeitos do fazer literário presentes em todas as obras, principalmente as do autor Caio Fernando Abreu.

Viver em um ambiente de repressão fez com que várias pessoas se calassem diante da Política ditatorial impositiva da época, sentimentos de nostalgia, melancolia, suicídio, medo, e outros se sobrepunham sobre sentimentos de esperança, amor e

liberdade. Partindo do pressuposto da repressão e do silenciamento analisaremos a voz silenciada desses seres humanos, que mesmo impedidos de se expressar, de viver amores proibidos, são representados na literatura através dos personagens de *Morangos Mofados*. Nessa obra, o autor dá voz às personagens e estas podem, finalmente, representar a fala das pessoas cujas vidas foram cercadas, colocando para fora o que estava preso em suas almas.

A Exegese de Caio Fernando Abreu

A obra se insere nesse contexto onde pessoas sonhavam com a sociedade livre, e são forçadas a reconhecer os limites de sua liberdade. O título *Morangos Mofados*, remete a metáfora da vida representada pelos morangos que estão mofando, esse mofo seria a destruição dos sonhos, representando o medo, a ocultação da voz, melancolia e morte, sentimentos existentes na sociedade, ao fracasso de combater a cultura dominante e incômoda e por não existir a sociedade livre sonhada pelos protagonistas dos contos. Escrito no final da década de 1970 *Morangos Mofados* evidencia a relação entre o autoritarismo, repressão e censuras em suas narrativas, por meio de metáforas e dos estados psicológicos das personagens, vinculando o movimento da Ditadura Militar no Brasil vivido à produção literária brasileira da época. Retratando assim o lado humano do fazer literário.

Sem desconhecer a tensão secular entre a criação e história, entre texto e contexto ou entre o autor e leitor, por minha vez, proporei aqui sua conjunção, indispensável ao bem estar do estudo literário. [...] O estudo literário deve e pode consertar a fratura da forma e do sentido, a inimizada factícia da poética e das humanidades". (COMPAGNON, 2011, p.18).

Morangos Mofados compactua desse viés de considerar a criação literária e o momento histórico arraigando os princípios morais, denunciativos em forma de arte, diminuindo a tensão existente entre os problemas e a exposição dos mesmos. Essa é uma das grandes importâncias dos estudos literários: transpor a lacuna entre a obra e representação social.

Para Caio Fernando Abreu a escrita deveria acontecer como se fosse uma filmagem, onde se tem uma visão do todo, mas filmamos apenas partes desse todo, e filtrando o que mais lhe interessa, ajustando diversos ângulos, buscando aquilo que

melhor retrata o todo. O autor acreditava que, a arte literária e as outras artes são capazes e mostrar a realidade e até modificá-la. Caio Fernando Abreu compactuava com a ideia de Proust para quem “somente pela arte, continuava Proust, podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, cuja paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes.” (COMPAGNON, 2011, p.21). Percebemos que as expressões artísticas, não só a literatura, trabalham com o subjetivo e esse fato trabalha as questões inconscientes, tratando dessa forma melhorias ao modo de entender e ver o mundo e as pessoas que nos cercam.

A preocupação de mostrar a realidade nos escritos de Caio Fernando Abreu, apesar forma metafórica é evidente, percebemos a discrição minuciosa da realidade e ao mesmo tempo obscura, com o “não dito” como estratégia de dizer nas entrelinhas o que a sociedade queria colocar para fora aquilo que a afetava.

Sobre a relação entre literatura e autor, a retratação da realidade Compagnon nos diz que: “O texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão, quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino, suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente meus” (COMPAGNON, 2011, p.48 – 49). Sendo assim compreendemos que a relação intrínseca entre autor, literatura e sociedade, relação essa criada por Compagnon, explicando a ligação entre retratar aquilo que fala de mim e ao mesmo tempo fala do outro, ao falar dos seus sentimentos como felicidade e sofrimentos, está automaticamente falando os sentimentos de outrem.

Esse artigo buscará analisar como as personagens de *Morangos Mofados* representam a voz das pessoas silenciadas durante o regime de Ditadura Militar no Brasil. Tendo por base de análise de quatro contos: *Diálogo*, *Os sobreviventes*, *O dia em que Urano entrou em Escorpião* e *Terça-feira Gorda* que retratam de maneiras diferentes a subalternidade.

É pensando em fazer indagações sobre como vem sendo representada a voz dos personagens que a autora Gayatri Chakravorty Spivak trabalha em sua *Pode o subalterno falar?* Ela trata de questões que fazem as diversas camadas da sociedade refletir sobre os sujeitos que ocupam a posição de subalternidade podem ou não expor seu pensamento. Em seu livro *Crítica da Razão Pós-Colonial* ela critica pensadores por excluir os subalternos de suas discursões, como suas preocupações em esse sujeito

ocupar uma posição que lhe tornem mais humanos e evidentes, dentre esses pensadores estão Immanuel Kant e Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Seu livro *Pode o Subalterno Falar?* foi escrito em 1985, e trata principalmente da questão em referencia a pergunta feita no título, apesar das pessoas consideradas subalternas poder falar fisicamente, estão impedidos de expressar suas idéias e ser ouvidos. Mas quem vem a ser esses subalternos? As pessoas fazem “uma errônea apropriação do termo subalterno, que não pode ser usado para se referir a todo e qualquer sujeito marginalizado” (SPIVACK, 2010, p.12). As pessoas ainda têm essa concepção de achar que subalterno é todo e qualquer indivíduo que estar à margem da sociedade, quando na verdade um grupo seletivo e enorme de pessoas se coloca em alguma situação de subalternidade.

A escritora Gayatri Chakravorty Spivak nos fala em seu livro *Pode o subalterno falar?* com a pergunta irônica do título que nos remete a uma reflexão de quem seria esse ser subalterno e se ele pode ou não falar. Essa é a proposta de sua publicação: trazer a tona questões relevantes sobre os seres subalternos, desafiar os discursos hegemônicos discriminatórios e o pensamento das pessoas enquanto estudiosos do assunto. Dessa forma ampliar-se o embasamento teórico do sobre a subalternidade e como combater-la, principalmente quando não existe voz crítica de quem esta na submissão de subalternidade. Os personagens de *Morangos Mofados* inserem-se nesses subalternos que tiveram a voz calada e sem espaço para expor seus pensamentos, representando a sociedade em geral da época amarga da Ditadura Militar no Brasil.

Morangos Subalternos

Na primeira parte do livro *Morangos Mofados* denominada de “O Mofo” nos contos há uma espécie de apodrecimento pessoal dos personagens e representação do descrédito de toda uma geração vitimada pela Ditadura Militar no Brasil. Esses contos são fechados e de difícil entendimento, mostrando a voz dos personagens de forma inversa, pelo o não-dito, e tendo predominância da tristeza, dos amores amores fracassados, das drogas, e bebidas. Nos contos da segunda parte chamada de “Os Morangos” o autor analisa a condição do homem em consequência do processo do mofo da primeira parte, existem algumas saídas para esses personagens, os objetos e pessoas são mais concretos, a linguagem mais clara, devido um sinal de esperança, apesar de

pequeno, em meio ao preconceito e repressão e por fim a terceira parte chamada de “Morangos Mofados” que é a união das duas partes anteriores em um conto único com mesmo título, a questão dos morangos e do mofo, gera os morangos mofados, que nos mostra um esboço de uma certa solução, um pouco mais concreta, uma espécie de resumo do livro e que ao final mesmo assim com essa esperança, nada muda em relação aos sofrimentos e frustrações ocorridos.

A forma literária nos contos do livro *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu é marcada pela ausência de começo, meio e fim, os contos não se centram em enredos, ou sequência de fatos, podemos dizer que é uma narrativa lacunar e complexa, linguagem formal e informal convivendo normalmente, uso de termos vulgares, palavrões e lirismo da linguagem. O livro é composto por dezoito contos que em sua maioria as histórias acontecem em ambientes fechados. Notar que o primeiro conto *Diálogo* é um conto em forma de diálogo em que não há entendimento entre os personagens e eles não são nomeados, em dezoito contos apenas em quatro deles aparecem nomes nas personagens, são eles: *Pela passagem de uma grande dor* aparece um homem chamado Lui; *Sargento Garcia* temos o jovem Hermes e o sargento Luiz Garcia; *Fotografias* as mulheres Gladys e Liége e *Aqueles Dois* com o casal Raul e Saul.

O conteúdo social da obra se baseia na presença de eus marginalizados do mundo tradicional, interrogando sobre si próprios, e esses eus amargos, foram consequência da Ditadura Militar que fecha o ser humano em mundo de angústia e solidão, rouba a liberdade dessas pessoas introspectivas, esses eus aparecem de forma diferente em cada conto, são mulheres cansadas da vida, da rotina, homens com relacionamento homossexual que não acontece, ou que quando acontece termina em morte. Marido que provoca morte da mulher, mulheres que sonham com casamento que nunca acontece. Todos representativos da geração ocultada pelo regime de poder.

As relações entre literatura e história também estão presentes, quando a obra implicitamente mostra ser um ponto final a morte de John Lennon, revelada aos poucos através do conto *O dia em que Júpiter encontrou Saturno* e no conto final do livro com título *Morangos Mofados* são a última tentativa de socorrer John Lennon na memória social. A contracultura brasileira com suas narrativas tipicamente urbanas e estranhamento, do diferente que não tem aceitação. A sexualidade e o homoerotismo

com a ideia do diferente, a tendência da sociedade em geral em negar o individual que tem práticas sexuais fora do padrão estabelecido que impede a plena realização do sujeito. Os contos são obscuros e de difícil entendimento e exigem do leitor maior reflexão para a captação da crítica social feita na época contra a Ditadura Militar e suas consequências.

No conto inicial da parte chamada de “O Mofo” tem como título *Diálogo*, com título autoexplicativo, onde dois personagens que vão conversar e não são nomeados, podemos analisar essa falta de nome como sendo uma ocultação de identidade reflexo da Ditadura, eles são apenas denominados de A e B, onde ocorre um diálogo com um nível elevado de dificuldade na comunicação, por vezes representando a voz oprimida e não entendida desses sujeitos por causa da Ditadura, conseqüente medo, seria um casal gay? Não fica clara tal informação. O conto-diálogo, assim podemos denominá-lo, tem como palavra principal “companheiro”, onde o personagem A chama o B de companheiro e gera toda a dificuldade de comunicação, uma palavra que gera todo o conflito e revela a difícil comunicação e ocultação da voz dos personagens A e B. O que seria ser ‘companheiro’ em uma época de repressão?

“A: Eu disse que você é meu companheiro.

B: O que é que você quer dizer com isso?

A: Eu quero dizer que você é meu companheiro. Só isso.

B: Tem alguma coisa atrás, eu sinto. [...]

B: Não me confunda. Tem alguma coisa atrás, eu sei.

A: Atrás do companheiro?

B: É.[...]

B: Eu não sei. Por favor, não me confunda. No começo era claro.
Tem alguma coisa atrás, você não vê?

A: Eu vejo. Eu quero.[...]

A: Eu disse que eu quero que você seja meu companheiro.

B: Você disse?

A: Eu disse?

B: Não. Não foi assim: eu disse.

A: O quê?

B: Você é meu companheiro.

A: Hein?

(ABREU, 2015,p.25,26 e 27).

Percebemos aqui a desconfiança do personagem B em saber o significado da palavra “companheiro” e o conto termina com a ideia que não há entendimento de maneira alguma. Existem indícios da temática homoerótica proibida na época e marginalizada pela forças ditatórias de poder.

A: Não me confunda, por favor, não me confunda. No começo era claro.

B: Agora não?

A: agora sim. Você quer?

B: O quê?

A: Ser meu companheiro? (ABREU, 2015, p.26).

Percebemos uma aproximação entre os personagens e desejo de relacionamento por parte do personagem A, só que o B não se sente confortável com tal proposta. A afirmação que o personagem A faz ao B ao dizer que ele é seu companheiro gera um constrangimento e dificuldade de comunicação, desconfiança, representativos do medo vivido. Interessante saber, segundo o dicionário Aurélio companheiro significa: “aquele ou aquilo que acompanha ou que faz companhia; o que vive na mesma casa; pessoa que tem com outra ou outras uma relação de amizade ou camaradagem; membro de um casal, relativamente ao outro” (FERREIRA, 2007). A palavra companheiro tem origem do latim “cum panis”, e significa aquele que dividimos o pão, confiável a tal ponto que o pão é dividido com essa pessoa. Na maçonaria existe um grau de ensinamento chamado de Grau de Companheiro, que simboliza a fase madura. A palavra carrega em si uma carga semântica apropriada para o conto, pois gera a dúvida se é possível confiar, ser alguém ou ter alguém para confiar a tal ponto em uma época que tudo era proibido, que vivia-se com medo e silenciamento da voz e desejos.

Ser companheiro segundo o conto seria ser alguém para se ter um relacionamento amoroso? Ou alguém que se possa confiar profundamente? Percebemos a desconfiança e medo quando ele afirma “B: Não me confunda. Tem alguma coisa atrás, eu sei. A: Atrás do companheiro? B: É” (ABREU, 2015, p.24). É visível a desconfiança e receio que o personagem B sente pelo personagem A, nada mais é que uma representação das relações sociais existentes na época, tanto as relações amorosas como as demais relações afetivas, o medo perpassava por todas, pois na época havia

muita gente delatando amigos e vizinhos. Gente que ninguém imaginava era delator do DOI-COD (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna) foi um órgão Destinado a combater inimigos internos que, supostamente, ameaçariam a segurança nacional. Notamos aqui a tamanha repressão e falta de confiança entre as pessoas, até as mais próximas não se podia confiar.

A seguir temos o conto *Os Sobreviventes* que retrata a carência afetiva de dois personagens, um feminino e um masculino, que estão em desprazer constante com a vida, com balanços negativos durante o passar dos anos. A angustia existencial é uma marca forte no conto, visto que são uma representação da sociedade da época, expondo de alguma forma os pensamentos e ideais de uma época que eram o desejo de liberdade, mudar de rotina. Percebemos certa reação perante os problemas quando ele incentiva ela. “[...] enquanto você, solidário & positivo, apertava meu ombro com sua mão apesar de tudo viril repetindo reage, *companheira*, reage, a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada, teu potencial criativo, tua lucidez libertária e bababá bababá.” (ABREU, 2015, p.33). Percebemos uma tentativa de animação e busca de saída para os problemas existenciais, onde a causa citada no trecho anterior, nada mais é que a causa de luta pelo fim da repressão, mesmo assim não são ouvidos e seus discursos são ocultados pelas forças majoritárias e a monotonia toma conta dos personagens “[...] a gente aqui mastigando esta coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse azedo na boca (ABREU, 2015, p.32). Temos ainda expressa a repressão de forma indireta: “a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quer chafurdar na dor deste ferro enfiado na minha garganta seca que só umedece com vodca, me passa o cigarro, não, não estou desesperada, não mais do que sempre estive. (ABREU, 2015, p.34). Captamos aqui a ideia de como viviam e se sentiam os personagens da obra em meio ao ambiente repressivo e como isso silenciava sua voz. Mesmo quando sentem vontade que a situação mude, acabam reconhecendo a inércia do contexto.

te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o quê, como aquela fé que a gente teve um dia, me deseja também uma coisa bem bonita, uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em tudo outra vez, que leve para longe da minha boca este gosto podre de fracasso, este travo de derrota sem nobreza, não tem jeito, companheiro, nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum, ninguém dá mais carona e a noite já vem chegando. (ABREU, 2015, p. 35 – 36).

O descrédito da vida e a falta de esperança fizeram com que os personagens se conformassem com tal situação, sem voz, nem perspectivas de mudança social. Ao fazer referência ao mapa e as caronas, o autor coloca metáforas, sendo mapa uma espécie de saída, de busca de uma salvação e saída da situação, porém não existe carona, ou seja, não existe quem os ajude e a noite, ou seja, o fim da vida vem chegando.

Sobre a questão da resistência dos seres ditos subalternos e que não podem expressar seu pensamento Spivak diz que:

O lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, [...] é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente onde possa ser ouvido. (SPIVAK, 2010, p.12).

Assim notamos que os discursos ditatoriais de poder são relevantes ao ponto de oprimir e silenciar o pensamento e a voz dos outros que estão à margem, quando agimos ou deixamos que isso aconteça estamos reproduzindo discursos majoritários de poder comprimindo e reprimindo quem tem direito de liberdade de escolha e de fala. Outro fato que chama a atenção no conto é o ato de vomitar, analisado com base nas leituras da obra como uma metáfora irônica de colocar para fora toda a indignação vivida, de chamar a atenção para os problemas como o medo, angústia, silenciamento e de ser um grito de socorro, presente em vários contos de *Morangos Mofados*. Na passagem abaixo, percebemos a vontade de extravasar, de sair da situação imposta pela Ditadura da época, e de esconder desejos, pensamentos e sentimentos. Escondendo também a voz desses personagens marginalizados, pois o

Fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz do outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um (a) outro (a). Esse argumento destaca, acima de tudo, a ilusão e a cumplicidade do intelectual que crê poder falar por esse outro(a). [...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido (a). (SPIVAK, 2010, p. 14).

O fato de não pode falar e ser ouvido é que causa revolta e intolerância para aqueles que vivem e viveram tal fato. Nisso temos o ato de vomitar metaforicamente colocado como forma de expulsar a revolta em não poder realizar o ato de fala e

consequente escuta do mesmo, um ato de rebeldia contra a repressão, angústia. “[...] caminhamos tontos até o banheiro onde sustento sua cabeça para que vomite, e sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, fragmentos azedos sobre as línguas misturadas [...]” (ABREU, 2015, p.35). A relação entre colocar para fora detritos de alimentos junto com o marido os dois abraçados revela a cumplicidade de compartilhamento do sofrimento sendo colocado para fora.

No conto *O dia em que Urano entrou em Escorpião* nos conta a história de uns amigos que se encontram em um apartamento e um rapaz que usa camisa vermelha tenta chamar a atenção com uma tentativa de suicídio. “O rapaz de camisa vermelha aproveitou o silêncio para gritar bem alto que Urano estava entrando em Escorpião. Os outros pareceram perturbados, menos com a informação e mais com o barulho, e pediram psiu [...]” (ABREU, 2015, p.40). A tentativa do rapaz em ser ouvido e chamar a atenção para o acontecimento que ele considera importante, mas mesmo assim ninguém se importa com a informação passada muito menos com o rapaz, fica assim na situação de poder falar e não ser ouvido. Nota-se que o ambiente em que ocorre a maioria dos contos de *Morangos Mofados* são ambientes fechados, principalmente na primeira parte da obra chamada de “O Mofa”, com exceção do conto *Além do Ponto e Terça-feira Gorda* que ocorrem em ambientes externos e esse fato é passível de análise de esconder aquilo que é proibido, tido como algo que está oprimido e expressamente proibido. O fato de o rapaz de camisa vermelha não ter nome, também é um detalhe que omite a identidade do ser e que representa todas as pessoas da época, bem como todos aqueles indivíduos que querem de algum jeito chamar a atenção, ou seja, “falar” mesmo que seja sem voz.

Aí os olhos dele ficaram muito brilhantes outra vez, parecia que ia começar a chorar quando de repente, sem que ninguém esperasse, deu um salto em direção à janela gritando que ia se jogar, que ninguém o compreendia, que nada valia mais a pena, que estava de saco cheio e não apostava um puto na merda de futuro. (ABREU, 2015, p.43)

O ato de querer se jogar da janela do prédio mostra a revolta do ser em relação a sua vida, sem sentindo para continuar a viver, sem nenhuma perspectiva de futuro promissor. Nessa passagem analisamos a vontade do subalterno em ser ouvido e através de uma atitude desesperadora tenta chamar a atenção dos outros. O título desse conto

nos evidencia uma forma de chamar atenção para algo despercebido, o fato de Urano entrar em Escorpião que para o personagem se torna algo grandioso devido como consequência do uso exagerado de drogas e substâncias alucinógenas, que é na verdade uma forma de sair da situação tensa que passavam durante aquela época. A autora Spivak nos diz que “o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro” (SPIVAK, 2010, p.13). Percebemos a ocultação da voz dos seres marginalizados pode trazer consequências perigosas, como tentativas de suicídios, vistos anteriormente no conto. “O rapaz de camisa vermelha chegou a colocar uma das pernas sobre o peitoril, abrindo os braços, mas os outros dois o agarraram a tempo e o levaram para o quarto [...]” (ABREU, 2015, p. 43). O ato da tentativa de suicídio aqui é colocado como expressão máxima de querer chamar a atenção, nesse momento o personagem é percebido e ajudado pelos outros que não ouviram antes.

No conto *Terça-feira Gorda* aparecem personagens gays que são marginalizados e que caricaturalmente representativos de uma geração, enfrentam preconceitos por se envolverem publicamente e praticam o ato sexual publicamente, porém pagam alto o preço por isso. O título do conto remete a terça-feira de carnaval, que apesar de ser um dia de extrema alegria para quem brinca a festa de carnaval, temos um final trágico. Dois homens sambando se aproximam em meio multidão, estão bêbados, um olhando para o outro, desejando-se entre si, de cara limpa, no ambiente externo da festa, e há um entendimento entre eles para uma relação de atração e sexo. Nesse contexto aparece o preconceito explícito com a fala das pessoas que estão a volta. “Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pelos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta olhavam.” (ABREU, 2015, p.75). O texto relata os olhares contrários, de repúdio àquela situação, evidenciando as falas de quem não vê a situação como algo simples, usa de falas irônicas e maldosas. Diferentemente dos personagens anteriores eles não se importam com a situação de preconceito colocada nas falas e começam beijar-se publicamente, e isso na época representativa do conto esse ato era totalmente reprimido e proibido.

Após consumirem drogas alucinógenas, em comum acordo, continuam a perceber o preconceito desta vez também na forma de agressões físicas, por meio de

empurrões. O clima de tensão se intensifica. “Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse.” (ABREU, 2015, p.75).

A partir daí, há a concretização do ato sexual na relação homoerótica, a beiramar, publicamente revelada.

A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. [...] Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. [...]. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos”. (ABREU, 2015, p.76 – 77).

A ideia de libertação e esquecimento, também incentivada pelo carnaval, se concretiza na realização do ato sexual. A metáfora do plâncton reforça o subjetivismo da realização do ato. “[...] nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos.” (ABREU, 2015, p.77). A comparação dos corpos com os organismos aquáticos por causa da sua luminosidade relacionando ao ato sexual é colocada como algo subjetivo quando ele cita que os plânctons brilham quando fazem amor e não verdade eles brilham por causa de um fenômeno natural de uma reação química. Os dois são surpreendidos por aqueles que anteriormente, haviam demonstrado seu preconceito. O trágico do conto se revela na violência, na não aceitação e o que começou com riso e, falas irônicas agora se materializa em forte violência. “O pontapé nas costas fez com que ele levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. [...]. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia”. (ABREU, 2015, p. 78). Concebemos aqui que inicialmente o narrador tenta salvar a vida do companheiro, percebe que a situação foge ao controle, sai correndo e tenta sobreviver a violência das pessoas que não aceitam o ato sexual público entre homossexuais. Ao fim do conto temos três imagens do narrador: a primeira dos corpos suados, as plêiades (que são aglomerados de estrelas) no céu e por fim a queda de um figo muito maduro caindo no chão. A metáfora do figo pressupõe a morte de um dos personagens ao se espedaçar no chão, morte causada pela experiência erótica de dois personagens masculinos, sem a presença daqueles que presenciaram o ato.

O conto pode ser visto como ironia, pois o carnaval é uma forma de libertação, é uma válvula de escape que também não deixa de ser uma forma erotização. Pode-se considerar um símbolo de extrema liberdade, de desejos exaltados em que homens se vestem com roupas femininas. No entanto pode ser visto como oposto ao que foi dito acima no conto *Terça-feira Gorda*, em que o Carnaval não é expoente de liberdade, não há final feliz, pois o mesmo termina em tragédia. Temos a visão do marginalizado e da não aceitação, visto que a relação homoerótica ocorre em local público. “Na verdade, é o sujeito que está em falta com o desejo, ou é ao desejo que falta um sujeito fixo; só há sujeito fixo graças à repressão” (SPIVAK, 2010, p. 25). A repressão é uma das causas da existência de seres marginalizados, de vozes ocultadas perante a sociedade? A existência desses sujeitos ocorre pela punição de suas ideias? O desejo seria o propulsor para a existência desses sujeitos, sendo que desejo e interesses estão diretamente relacionados e fazem com que existam atitudes diversas a aquelas esperadas por outrem. “Nunca desejamos o que vai contra nossos interesses, porque o interesse sempre segue e se encontra onde o desejo está localizado” (SPIVAK, 2010, p. 27). O desejo dos personagens do conto anteriormente citado é viver um relacionamento homoerótico, com ato sexual em um ambiente permeado pela sensualidade, festividade, alegria e extravagâncias existentes na festa de Carnaval, realizam o desejo, porém como consequência um dos personagens morre tragicamente.

Considerações Finais

A análise em questão procurou apresentar como o autor constrói as personagens de *Morangos Mofados*, em especial nos contos *Diálogo*, *Os sobreviventes*, *O dia em que Urano entrou em Escorpião* e *Terça-feira Gorda*, em especial como essas personagens, não podem ou não conseguem externar seus desejos e pensamentos, pois esses são reprimidos ou cerceados. A narrativa nos mostra como eles buscam alterar suas realidades.

Uma vez que o texto é autobiográfico, importante lembrar que a identidade de cada personagem foi construída com base em experiências reais, retratando a vida do autor e demais pessoas que viviam na época. “Li várias vezes. Na primeira, chorei de emoção – por que ele reabilita todas as vivências que *eu* tive nesta década. Claro que ele

fala de uma geração inteira, mas daí saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração.” (ABREU, 2015, p.220).

A subalternidade das personagens é representada de diversas formas, seja pela falta de diálogo consigo próprios, seja com pessoas próximas. Relata também, a enfadonha rotina da vida dessas personagens, em especial quando não tem mais esperanças de melhorias em suas realidades, aceitando a realidade presente com desesperança. Atitudes que chamam a atenção das personagens do conto, como uma forma de serem ouvidas, falando por gestos, como as tentativas de suicídios e realização de desejos censurados com conseqüências drásticas.

Pode-se considerar a literatura dita marginal como uma forma de dar voz aos indivíduos silenciados, que mesmo tentando expressar aquilo que os afligem, não realizam de forma efetiva, sempre bloqueados pelo medo, repressão, censura, preconceito e discursos ditatoriais de poder.

Por fim vemos que a literatura marginal aqui apresentada através da obra *Morangos Mofados* mostra-nos as pessoas considerados subalternos em uma época de extrema proibição de ideologias, elas são metaforicamente representadas por personagens diversos com historias variadas que faz referencia à realidade vivida por aqueles que foram e são silenciados até hoje.

Interessante notar as personagens de Caio Fernando Abreu geralmente, não são nomeados, “outras personagens femininas de Caio, muitas não nomeadas (outra característica peculiar), vivem no limite dos sentimentos exaustivos e da eterna busca de prazer e companhia do amor, jamais alcançados” (CANDIA, 2011, p.69). Esse fato nos traz a evidencia de subalternidade, não só as personagens femininas, as masculinas também são pouco nomeadas, geralmente são homens gays. O subalterno é anônimo, socialmente invisível, quando assumem sua sexualidade ou suas posições abertamente, deixam sua posição de subalternidade e passam a incomodar como as personagens de *Morangos Mofados*.

As questões subjetivas aparecem em todas as narrativas de *Morangos Mofados*, o não-dito, busca retratar o valor hermético do texto literário, atrás das interpretações, os contos não deixam os acontecimentos claros, quem são as personagens, o que querem o que sentem, e outras questões que ficam implícitas na leitura.

O ato de vomitar do homem e da mulher nos contos *Os Sobreviventes*, do rapaz em *Luz e Sombra* e do publicitário em *Morangos Mofados*, metaforicamente apresentando é um ato de expulsão e rebeldia contra a repressão sofrida constantemente, repúdio ao período vivido, a melancolia, vista como algo que alguém não consegue realizar e sofre com isso, podemos dizer que esse mofo é a melancolia.

É de grande valia discutir sobre as literaturas ditas subalternas, os autores que produzem obras assim classificadas sejam conhecidos e de alguma forma tornem relevantes perante a sociedade, pois se nos privarmos de falar sobre a questão dos subalternos, seja na literatura ou na sociedade em geral, estamos contribuindo para a manutenção e permanência dos discursos de poder, que são excludentes e majoritários.

Referências

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ABREU, Caio Fernando. *Fragmentos: 8 histórias e um conto inédito*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

CANDIA, Luciene. *As Cartas Epifânicas de Caio Fernando Abreu: A Escrita de Urgência*. Tangará da Serra, 2011. 108f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para que?*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/companheiro>>. Acesso em: 21 Mar. 2017.

SANTOS FILHO, J. P. DOS. Escrita proibida: o viés erótico na poesia de Caio Fernando Abreu. *Porto das Letras*, v. 4, n. 2, p. 120 – 133, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.